

Michel Foucault e o Poliamor: cuidado de si, parresía e estética da existência

Vania Sandeleia Vaz da Silva¹

Geraldo Magella Neres²

Rosângela da Silva³

Resumo: O interesse do poliamor para a Ciências Sociais repousa no potencial subversivo e desafiador que esta nova subjetividade e arranjo afetivo produz em termos sociais, culturais e políticos. Ao afirmar que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e estabelecer relações íntimas – eróticas, afetivas e sexuais – simultâneas e consentidas, o poliamor questiona o amor erótico na versão romântica e sua ligação contemporânea com o casamento monogâmico predominantemente heteronormativo e patriarcal. Considerando que o poliamor vem sendo efetivamente experimentado por pessoas que pensam, falam e escrevem defendendo a plausibilidade e validade de seu modo viver, parece constituir uma oportunidade de analisar um tipo de construção social, cultural, política e ideológica no momento em que está sendo elaborada e difundida. A proposta aqui é analisar em que medida o poliamor pode ser constituído em objeto de pesquisa relevante para as Ciências Sociais e se é possível seu enquadramento teórico por meio de três noções recuperadas por Michel Foucault nos seus estudos sobre a antiguidade greco-romana: cuidado de si, parresía e estética da existência.

Palavras-chave: Poliamor; Cuidado de si; Parresía; Estética da existência.

Michel Foucault and the Polyamory: care of the self, parrehsia and aesthetics of existence

Abstract: The Social Sciences interest in polyamory rests on the subversive and challenging potential that this new subjectivity and affective arrangement produces in social, cultural, and political terms. By affirming that it is possible to love more than one person at a time and to establish intimate relationships - erotic, affective and sexual - simultaneous and consensual, the polyamory questions the erotic love in the romantic version and its contemporary connection with the predominantly heteronormative and patriarchal monogamous marriage. Considering that polyamory has been effectively experimented by people who think, speak and write defending the plausibility and validity of their way of life, it seems to constitute an opportunity to analyze a type of social, cultural, political and ideological construction at the moment of its elaboration and widespread. The proposal is to analyze the extent to which polyamory can be constituted as a research object relevant to the Social Sciences and whether its theoretical framework is possible through three notions recovered by Foucault in his studies on Greco-Roman antiquity: care of the self, parrhesia and aesthetics of existence.

Keywords: *Polyamory; Care of the self; Parrhesia; Aesthetics of existence.*

¹ Professora Doutora (Ciência Política) no curso de Ciências Sociais e no mestrado em Ciências Sociais na Unioeste, Campus de Toledo. E-mail: vaniasandeleiavazdasilva@yahoo.com

² Professor Doutor (Ciência Política) no curso de Ciências Sociais e no mestrado em Ciências Sociais na Unioeste, Campus de Toledo. E-mail: geraldomagellaneres@yahoo.com.br.

³ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara; professora no curso de Ciências Sociais na Unioeste, Campus de Toledo. E-mail: ro.toledo84@hotmail.com

Introdução

Será possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Se isso acontecer, será viável viver estas relações amorosas – eróticas, afetivas, íntimas e sexuais – simultaneamente? Será possível viver esses múltiplos amores com o conhecimento e o consentimento de todas as pessoas envolvidas? Essa é proposta do poliamor⁴. Na medida em que cada vez mais pessoas tomam conhecimento ou aderem a essa nova subjetividade (ou identidade) e arranjo afetivo e promovem sua visibilidade pública, midiática e acadêmica, acabam desafiando ideias, práticas e instituições que são hegemônicas nas sociedades ocidentais contemporâneas.

A invenção e reivindicação do poliamor como possibilidade afetiva desafia sobretudo o modelo de casamento monogâmico e heteronormativo, baseado no amor erótico na versão romântica que o apresenta como exclusivo e possessivo. Reforçado pela mídia, por algumas religiões e expressões artísticas – literatura, músicas, filmes, séries e novelas – o amor romântico é acusado pelos poliamoristas de ser avesso à diversidade sexual e complexidades afetivas humanas e de funcionar muito mais como um “ideal” do que como a descrição do que é realmente vivido pela maioria dos casais, seja no passado ou atualmente.

Existem pessoas experimentando algumas das várias possibilidades de arranjos afetivos não-monogâmicos⁵ no Brasil, embora a palavra “poliamor” não seja muito conhecida por aqui e tenhamos poucos estudos acadêmicos sobre o tema. É interessante ressaltar que o poliamor parece ser o único arranjo afetivo que reivindica ser valorizado do ponto de vista ético ou moral tanto quanto a monogamia, e isso parece diretamente relacionado com a afirmação de que a origem do poliamor seria a percepção da capacidade de “amar” mais de uma pessoa ao mesmo tempo, contrariando a tese da exclusividade do amor erótico-sexual.

Tanto na monogamia quanto no poliamor a base para o estabelecimento de um relacionamento seria o “amor” e não apenas o “desejo sexual”. As pessoas que aderem ao poliamor afirmam que seria possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e estabelecer relações amorosas múltiplas, consentidas e duráveis; e defendem que isso seria moralmente “valioso” e até mais ético do que a opção da exclusividade afetivo-sexual da monogamia, na medida em que são tão frequentes os casos de infidelidade, e que a prostituição (sobretudo feminina) sempre figurou como um complemento garantidor de sua hegemonia ideológica.

⁴ O poliamor pode ser pensado como uma “subjetividade” (ou “identidade”) e um “arranjo afetivo” diferente da “monogamia” – e de outras formas de não-monogamia – que tem como “objetivo” propiciar uma forma diferente de viver o “amor”. O que está em questão é que uma emoção altamente valorizada pela nossa sociedade – o “amor” – pode ser vivida a partir de uma outra estrutura de relacionamento. Para uma introdução ao modo como o Poliamor será problematizado aqui – enfatizando seu potencial subversivo e explorando a possibilidade de ser enquadrado teoricamente por meio dos conceitos foucaultianos de cuidado de si, parresia e estética da existência, pode-se assistir ao vídeo “Poliamor”, publicado no canal da TV Imago da Unioeste, em 19 de julho de 2017, disponível no Youtube, no endereço <https://youtu.be/FEvzOwMUaSI>.

⁵ Além do “poliamor”, existem diversos arranjos não-monogâmicos consensuais – quer dizer, que implicam na admissão para “todas as pessoas envolvidas” do tipo de “relação” ou “relacionamento” não exclusivo do ponto de vista afetivo e/ou sexual que se quer engajar, por exemplo, as “relações livres”, que seriam as mais próximas do poliamor, exceto pela não exigência do “amor” como base para se estabelecer ou manter um relacionamento e pela recusa de “negociar” a liberdade afetiva e sexual. O poliamor é diferente do “casamento aberto” e do “swing” que pressupõem um “casal” que busca outras pessoas para parcerias sexuais (sem envolvimento afetivo) e também das “poligâmias” – poliginia (um homem com várias esposas); poliandria (uma mulher com vários maridos); pois, no poliamor, em sua versão mais aberta, todos são livres para amar outras pessoas (independente do sexo ou gênero) e as múltiplas relações podem se dar entre pessoas heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou assexuadas (pois o foco está na “afetividade” e trocas íntimas e não necessariamente na sexualidade).

O poliamor resolve alguns problemas relacionados com a monogamia, mas gera vários outros. Poliamoristas são pessoas que perceberam ou sentiram que não se “enquadravam” no padrão monogâmico, porque amavam mais de uma pessoa ao mesmo tempo – nem sempre do sexo oposto, o que contribuiu para o questionamento da heteronormatividade – e não queriam ter que se decidir por apenas um dos seus amores. Mais importante: escolheram não mentir para si mesmas – negando seus sentimentos – e nem para seus amores – sendo infiéis às pessoas amadas ao manter outras relações amorosas ou sexuais de modo clandestino.

Como essa prática social minoritária pode ser convertida em objeto de pesquisa relevante para as Ciências Sociais? Apresentamos as reflexões iniciais de uma pesquisa em andamento que explora os novos arranjos afetivos facilitados pelas tecnologias atuais ligadas à conectividade⁶. Aproveitamos para problematizar em que medida o poliamor permite desnaturalizar algumas instituições e possibilita articular organicamente três noções complexas que Michel Foucault (1926-1984) recupera da antiguidade grega e romana para pensar as relações entre sujeito e verdade: cuidado de si, *parresía* e estética da existência.

Será possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo?

De acordo com a famosa tese de Friedrich Engels (1820-1895), exposta na obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), a monogamia (exclusividade sexual) foi instituída só para as “mulheres” como consequência da invenção da propriedade privada: tratava-se de garantir ao homem que sua herança seria recebida por seus filhos biológicos, por meio do acesso exclusivo à sexualidade de “sua” esposa (a mulher deveria casar virgem e manter-se fiel ao marido). Mas Engels também afirma que o amor sexuado individual seria exclusivista “por sua própria natureza” de modo que o casamento seria sempre e naturalmente “monogâmico”.

Com a modernidade, o casamento deixou de ser apenas uma questão patrimonial e passou a ser visto como uma possível consequência do amor erótico ou sexual em uma versão romântica: após apaixonar-se por alguém, namorar, noivar, o próximo passo seria o casamento monogâmico (preferencialmente até a morte de um dos cônjuges) com a obrigação de fidelidade (entendida como exclusividade afetiva e sexual) tanto para os homens quanto para as mulheres. O princípio da monogamia heteronormativa é endossado juridicamente na legislação brasileira: a unidade básica é um casal, a união de “um” homem e “uma” mulher.

As estatísticas, porém, mostram que o casamento monogâmico sempre esteve vinculado a duas possibilidades de “escapada”: a prostituição (feminina, sobretudo, mas não apenas) e a infidelidade (casos, traições e amantes) mais praticada pelos homens, mas cada vez mais comum entre as mulheres⁷. Isso levou muitas pessoas a se questionarem se a

⁶ A partir da realização do V Simpósio Paranaense de Ciências Sociais, na Unioeste, Campus de Toledo, com o tema “conectando mundos, repensando relações”, criamos um grupo de pesquisa a respeito dos impactos que as possibilidades de conectividade geram para as relações sociais, culturais e políticas. Um dos tópicos que será estudado é o “Amor em Rede”. Para uma introdução, pode-se assistir ao vídeo “Grupo de Pesquisa: Conectando Mundo, Repensando Relações”, no canal da TV Imago da Unioeste, publicado em 25 de maio de 2017, disponível no Youtube, no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=O_kvsWwl4Us.

⁷ A antropóloga Mirian Goldenberg (2013) mostra que a fidelidade permanece como o principal “valor” mesmo considerando a realidade de que homens e mulheres traem e são traídos, expressando uma relação paradoxal e complexa entre “discursos, comportamentos e valores” sobre a (in)fidelidade, pois, na sua pesquisa, a fidelidade foi apontada como o que era mais importante no casamento (38%) e a traição como o mais prejudicial (53%); mas, na mesma pesquisa, 60% dos homens e 47% das mulheres afirmaram já terem sido infiéis.

inadequação estava no modo como sentiam o amor – pois amavam ou “desejavam” mais de uma pessoa – ou nas interpretações que afirmavam a exclusividade desse sentimento, seu enquadramento por meio de teorias e instituições que não correspondiam ao modo como sentiam suas emoções.

Sérgio Lessa não usa a palavra “poliamor” – no livro *Abaixo a família monogâmica!* (2010) – mas ilustra bem a situação típica que suscita e permite tal invenção: a percepção por parte de algumas pessoas de que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Lessa concorda com Engels que a monogamia é um reflexo da propriedade privada e “da exploração do homem pelo homem na esfera da organização familiar”, mas discorda que o casamento seja monogâmico devido à natureza exclusivista do amor sexuado individual, que, liberto da propriedade e do patriarcalismo, continuaria fundamentando a união amorosa “monogâmica”:

O argumento de Engels possui um duplo aspecto. O primeiro, que o amor sexuado individual teria uma essência “exclusivista”, com o que estaria excluída qualquer possibilidade de coincidência de dois grandes amores. O segundo que, liberto da propriedade privada e do patriarcalismo, o caráter “exclusivista” do amor sexuado conduziria a um tipo superior, mais elevado, de monogamia – agora resultante apenas da livre escolha, do consenso, da livre “inclinação” das pessoas que se amam. No comunismo, portanto, não teríamos mais o patriarcalismo, mas sim a autêntica monogamia, decorrente do “exclusivismo” essencial do amor sexuado (LESSA, 2012, p. 94).

A ideia de que alguém tenha a real capacidade de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo contradiz várias teorias filosóficas ou elaborações literárias a respeito do amor – exclusivo, eterno – de modo que viver “dois amores” simultâneos seria logicamente impossível: um seria ilusório, ou até mesmo os dois, porque, nesse caso, a pessoa só estaria em dúvida porque não encontrou seu “amor verdadeiro”, como repetem todos os “contos de fadas” e filmes, as músicas, peças de teatro e obras de arte derivadas do mito do amor romântico⁸, construído pela cultura e algumas religiões como o único “amor” com valor moral.

Lessa argumenta que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e que a obrigação de renunciar pode “promover o embrutecimento, um rebaixamento do desenvolvimento afetivo”, pois dois grandes amores “não se anulam reciprocamente”; então, “uma sociedade que possibilite aos indivíduos amarem tanto quanto forem capazes” poderia fazer com que dois amores ao serem vividos de modo concomitante se potencializassem: isso poderia tornar “mais rica cada relação amorosa, como também mais ricos, capazes de emoções mais elevadas, os indivíduos nelas envolvidos” (LESSA, 2012, p. 95). Para Lessa:

⁸ A ideia de que o “amor” como conhecemos – o “amor romântico” – teria sido “inventado” no século XII e no Ocidente, e que não seria comum a todos os povos, tempos e lugares, encontra muitos defensores e críticos: uma introdução a essa tese pode ser feita a partir da leitura de Denis de Rougemont, *História do Amor no Ocidente* (1972) e dos livros da antropóloga Josefina Pimenta Lobato, *Antropologia do Amor: do Oriente ao Ocidente* (2012) e *Amor, Desejo e Escolha* (1997), nos quais ela discute a controvérsia antropológica em torno da existência ou não de “amor romântico” fora do Ocidente e entre os “povos primitivos” e permite repensar a ideia de que só os ocidentais teriam inventado e experimentado o “amor romântico”. Uma introdução mais popular e simples aos vários significados que o “amor” já assumiu historicamente pode ser obtida nos volumes publicados por Regina Navarro Lins – *O livro do amor* – que no primeiro volume (2013) aborda da pré-história até a renascença e no segundo (2012) do iluminismo até a atualidade, com um capítulo sobre como o “amor romântico” foi configurado, finalizando com uma análise das “novas formas de amar”; no livro *A cama na varanda* (2005) aborda diretamente o poliamor. Uma bela abordagem do “amor paixão” está no livro *Do Amor*, escrito por Stendhal (1783-1842) que explica a ideia de “cristalização”. Uma instigante ligação entre “amor romântico” e “política” é feita por Eduardo Viveiros de Castro e Ricardo Benzaquen de Araújo (1977) no texto *Romeu e Julieta e a Origem do Estado* (1977).

Os dramas existenciais, as dores afetivas, os sofrimentos individuais, as concessões que os indivíduos precisam fazer nas situações em que dois grandes amores são vividos ao mesmo tempo são tão frequentes na literatura que seria razoável postularmos que hoje os indivíduos revelam a capacidade de amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. E isto vale para as mulheres e para os homens: não é uma consequência imediata do patriarcalismo, como é a prostituição. As opções e as dolorosas escolhas a que são forçadas as pessoas que, na confluência de dois grandes amores, têm de abandonar um deles pelo outro, é uma experiência muito mais generalizada do que reconhecida – se as obras de arte continuam sendo um reflexo adequado do típico socialmente vivido (LESSA, 2012, p. 95).

Atualmente aparecem cada vez mais obras artísticas – e produtos midiáticos – que colocam a possibilidade de amores simultâneos se transformarem em relações íntimas, comprometidas, com durabilidade e visibilidade pública⁹. A vivência de amores concomitantes em que um é oficial e outro é clandestino já era tema de obras literárias, cinematográficas e televisivas faz muito tempo: mas recentemente têm aparecido filmes, novelas, séries e livros que tem como enredo principal o amor vivido por três ou mais pessoas em uma mesma casa, no cotidiano, e isso expõe quais os principais dilemas e desafios que essa escolha suscita.

O poliamor questiona a instituição do casamento monogâmico heteronormativo (e patriarcal) e explicita que embora seja o arranjo afetivo hegemônico, não é o único, nem o melhor e, mais interessante, permite pensar em que medida nossas emoções e sentimentos são construídos, ou, mais precisamente, “inventados” coletivamente. Lembrando que nem todas as invenções sociais se tornam hegemônicas – ou dominantes – parece que estamos diante de um processo criativo que possibilita pensar e analisar esse tipo de “invenção” no momento em que está sendo configurada e os desafios que enfrenta diante do que já está plenamente instituído.

Como problematizar teoricamente o fato de que existam pessoas afirmando que efetivamente “amam” mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Será justo não considerar as afirmações dessas pessoas que descrevem o que sentem como “amor” e querem viver as relações múltiplas que visam construir publicamente e com garantias legais para seus amores e descendentes? Será que esse arranjo afetivo chamado de poliamor – e a subjetividade assumida pelas pessoas que se definem poliamorosas – será capaz de transformar ideias, práticas e instituições hegemônicas? Estas são algumas das questões que pretendemos explorar ao pesquisar o poliamor.

O principal objetivo da pesquisa é problematizar “se” o modo como o poliamor vem sendo experimentado no Brasil pode ser explicado por meio das noções de cuidado de si, parresia e estética da existência – tais como foram analisadas por Michel Foucault – porque é o enquadramento que mais aproxima esse novo arranjo de um modelo ético e responsável de viver o amor sem se limitar à exclusividade afetiva ou sexual, mas, também, de uma forma realmente diferente das não-monogâmias que prescindem do consentimento informado de todas as pessoas envolvidas. Será que existe uma versão ética do poliamor no Brasil?

⁹ A obra literária mais “citada” a respeito do poliamor é o livro de ficção científica *Um estranho numa terra estranha*, escrito em 1961 por Robert Heinlein, mas a possibilidade de “amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo” aparece em outras obras literárias, não diretamente no formato poliamoroso. Para citar apenas duas séries que tratam diretamente do *Poliamor*, lembramos a brasileira *Aline* (2008) que apresentou a vivência de uma relação amorosa (íntima, sexual e afetiva) entre uma mulher e dois homens; e a série *Eu, tu, ela* (“*You Me Her*”) em exibição na *Netflix*, que mostra o processo de “enamoramento” de um casal por uma mulher (“unicórnio”) com todas as consequências sociais e emocionais de assumir publicamente um relacionamento a três. Existem vários documentários que tratam da questão e vídeos no Youtube (criticando ou estimulando o poliamor), com destaque para a série *Amores livres* (*GNT*) que abordou vários arranjos não-monogâmicos, entre os quais, o poliamor.

Poliamor como “objeto de pesquisa” das Ciências Sociais

Ainda são raras as publicações sobre o poliamor, acessíveis em português, que analisam resultados de pesquisas acadêmicas rigorosas do ponto de vista teórico e metodológico. Destacamos os trabalhos de Cardoso (2010); Pilão (2013; 2017); França (2016) e Freire (2013), como ilustrativos das questões que o poliamor suscita tanto nos seus discursos como nas práticas efetivas. Não pretendemos sintetizar todas as conclusões de cada um desses trabalhos, mas apenas destacar em que medida estas pesquisas possibilitam compreender como o “poliamor” pode constituir um “objeto de pesquisa” relevante para as Ciências Sociais¹⁰.

O trabalho acadêmico mais citado sobre o “poliamor” em língua portuguesa, é a dissertação de mestrado (em Comunicação Social) do português Daniel Cardoso – *Amando vári@s: individualização, redes, ética e poliamor* (2010) – em que encontramos um mapeamento minucioso do surgimento da palavra poliamor e os resultados de sua pesquisa com um grupo de praticantes que desenvolvem conversas *on-line* sobre suas experiências. Sua dissertação e demais artigos são fundamentais para uma introdução ao tema e permitem questionar a respeito da possibilidade de enquadrar teoricamente o poliamor a partir das noções foucaultianas.

Embora não seja cientista social, Cardoso (2010) faz uma análise bem fundamentada teoricamente nas nossas referências: apresenta o poliamor como um exemplo de *relação pura*¹¹, conceito que Anthony Giddens (1993) desenvolve na sua análise sobre as transformações da intimidade; e identifica o poliamor como um posicionamento moral – mais do que uma prática sexual – que envolve a produção de si por meio da parresia que é oferecida e exigida do outro, e se torna fundamental para a manutenção da autonomia do “eu” e para a “equidade” da relação de alteridade (tanto homens quanto mulheres ficam livres para amar outras pessoas).

O poliamor é uma forma de “não-monogamia *responsável*, preocupada com o consentimento de todas as partes envolvidas” que recusa a traição e reenquadra a fidelidade “descolando-a da exclusividade sexual”; prima pela responsabilidade ao não “terminar uma relação apenas porque surge o interesse noutra/s pessoa/s” pois “a pessoa em questão não precisa escolher uma relação em detrimento da outra” (CARDOSO, 2010, p. 8); e seria até mais ético do que a “monogamia em série” pois “os poliamorosos não descartam seus

¹⁰ A maioria das publicações que resultam de pesquisas rigorosas – sociológicas e antropológicas – sobre poliamor, estão disponíveis em inglês, mas atualmente existem diversas pesquisas acadêmicas a respeito do poliamor também em espanhol e alemão, e, vem aumentando o número de publicações em língua portuguesa. Aqui predominam trabalhos de conclusão de curso de Direito, enfatizando aspectos jurídicos que expressam preocupações a respeito de como garantir direitos para as pessoas que vivem arranjos não-monogâmicos (grande parte desses trabalhos carece de precisão conceitual em torno do “poliamor” especificamente). Na tese de Pilão (2017) é possível ter acesso a uma boa discussão a respeito de como os juristas (e o poder judiciário) tem tratado o poliamor e as pessoas que tentam “oficializar” as suas relações poliafetivas, algo bastante controverso.

¹¹ O conceito de “relação pura”, parece se adequar ao projeto de liberdade afetiva poliamorista pois afirma que “se entre em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes consideram que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem” (GIDDENS, 1993, p. 69). A fala de Daniel Cardoso (que é poliamorista) ilustra bem a questão: “*Meu projeto de vida sou eu. Eu passo também pelas relações que tenho com as outras pessoas. Mas meu projeto de vida não é uma relação, meu projeto de vida sou eu; tal como o projeto de vida das pessoas que estão à minha volta são elas próprias. Eu não posso projetar minhas ideias, ou projetar aquilo que eu sinto nas outras pessoas, nem posso achar que as outras pessoas são peças que eu vou encaixar para formar minha vida*”. (WEBdoc "Poliamor" - Daniel Cardoso (poliamoroso) – Disponível em Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=DevvLabQ4Kg>).

companheiros quando a próxima pessoa interessante aparece” (VEAUX apud CARDOSO, 2010, p. 35).

Cardoso (2010) identifica os diversos contextos em que a palavra foi inventada e explica que existem ao menos duas correntes em torno das diversas abordagens do poliamor, uma mais “espiritualista” e outra mais “cosmopolita”: indica como representativos das duas vertentes os livros de Deborah Anapol, *Polyamory: The New Love Without Limits* (1997) e de Dossie Easton e Janet Hardy, *The Ethical Slut* (2009), respectivamente. No caso do segundo – traduzido para o espanhol como *Ética promíscua*, existe uma defesa de que o “sexo” é bom em si e que desde que seja adotada uma postura “ética” não há necessidade de “amor” no sentido mais tradicional¹².

Por um lado o poliamor “tenta, na sua própria definição, secundarizar o sexo” ao “ênfatizar o lado emocional e afetivo”; mas, por outro, procura “criticar o fechamento das práticas sexuais consideradas válidas” na monogamia e assim acaba desafiando uma instituição social poderosa pois permite rediscutir o modo como a sexualidade é “valorizada”; a partir do “Círculo Encantado da Sexualidade” que Cardoso busca em Rubin (2007)¹³, é possível mostrar que as práticas sexuais do poliamor desafiam a sexualidade dominante, pois transcendem o casal heterossexual comprometido e abrigado nas normas hegemônicas (CARDOSO, 2010, p. 23).

Cardoso ressalta que o poliamor “estabelece princípios relacionais incertos, pouco definidos e com hierarquias variáveis” por isso parece ter “menos estabilidade” em termos relacionais e exige maior trabalho ético na construção do sujeito, que terá que lidar com “técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder” (FOUCAULT apud CARDOSO, 2010, p. 34), o que pode gerar mais incerteza e sofrimento, mas também permite maior liberdade relacional porque as possibilidades são mais abertas e variadas (amar mais de “uma” pessoa não significa amar apenas duas) e também em termos da construção “subjéctiva” no sentido mais “estético”.

Cardoso (2010) inspira a análise do poliamor por meio dos conceitos foucaultianos: não se trata apenas de se “conhecer” ou de se “aceitar” como se “é”; seria mais apropriado falar em invenção de si mesmo e das novas relações que podem assumir diversos formatos que não são pré-definidos. Considerando que o poliamor está sendo inventado por pessoas que se permitem amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo (cuidado de si) e que se negam a trair seus parceiros ou mentir, optando corajosamente pela franqueza (*parresía*), poderíamos afirmar que estariam construindo as próprias vidas como obras de arte (estética da existência)?

O primeiro estudo sobre o poliamor no Brasil, realizado no âmbito das Ciências Sociais, é a dissertação de mestrado (em Antropologia) de Antonio Cerdeira Pilão – *Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero* (2012) – cujo objetivo foi analisar as representações e os discursos de “poliamoristas” brasileiros sobre amor e sexualidade. A abordagem é bem diferente da realizada por Cardoso (2010) e isso já aparece no modo como

¹² As autoras afirmam que o sexo e o amor sexual são forças positivas fundamentais, com potencial para reforçar laços íntimos, melhorar a vida, a consciência espiritual e mudar o mundo: toda relação sexual consentida tem esses potenciais, sendo que a promiscuidade “ética” valoriza o “consenso”, a “honestidade” e a responsabilidade sobre as repercussões de escolhas sexuais e afetivas sobre as outras pessoas (EASTON e HARDY, 2009).

¹³ As práticas sexuais consideradas “boas, normais, naturais e abençoadas” seriam: heterossexual, casado, monogâmico, procriativo, não comercial, em par, numa relação com duração, entre pessoas da mesma geração, no espaço privado, sem pornografia, usando apenas os corpos, no estilo “baunilha”. As práticas fora do limite, consideradas “ruins, abomináveis, não-naturais, pecaminosas” seriam: homossexual, fora do casamento, promíscuo, não procriativo, comerciais, sozinho ou em grupo, casuais, entre gerações, em público, com pornografia, com o uso de objetos, sadomasoquistas (RUBIN, 2007, apud CARDOSO, 2010, p. 74).

Pilão define poliamor no seu resumo, como “um nome nativo dado à possibilidade de estabelecer mais de uma relação amorosa ao mesmo tempo com a concordância de todos os envolvidos” (PILÃO, 2012, p. 5).

A polarização é mais “forte”, pois, de acordo com as representações de seus sujeitos pesquisados, a escolha pelo “poliamor” (um tipo de “conversão”) se baseia no fato de que seria um arranjo afetivo mais honesto, livre e igualitário do que a “monogamia”. Os discursos nativos geraram resultados diferentes das pesquisas feitas nos Estados Unidos e na Europa: no caso do “poliamor brasileiro”, segundo Pilão, prevalece a “liberdade” e a “espontaneidade” sobre a “igualdade”, de modo que a ênfase aqui seria na honestidade a “si mesmo” e não no “compromisso”, “responsabilidade” e “negociação” com o “outro” (PILÃO, 2012, p. 5).

O mais interessante – e polêmico – na sua abordagem parece ser a ideia de “conversão poliamorista” – que enfatiza o caráter de “escolha” ou opção deliberada de alguém que vive sob a monogamia e decide “evoluir” em direção ao poliamor – e de “carreira poliamorista” que Pilão (2012) sintetiza como um processo em “onze etapas” que explicita como alguém se torna poliamorista, lembrando que “nenhuma trajetória corresponde exatamente a esse modelo” que serve apenas para entender quais os aspectos envolvidos (cada etapa é ilustrada, na dissertação, pelos discursos dos nativos a respeito dos seus sentimentos e desafios):

- 1- Desejo de se envolver com mais de uma pessoa ao mesmo tempo;
- 2- Traições e mentiras (ocultamento do interesse por terceiros);
- 3- Compartilhamento com os parceiros dos desejos e das traições;
- 4- Término ou tentativas de viverem “relacionamentos abertos” ou *swing*, mantendo o parceiro antigo como hierarquicamente superior (relacionamento primário e outros secundários);
- 5- Crítica à monogamia;
- 6- Sofrimento por ciúme e pela limitação da “liberdade” dos RAs e/ou do *swing*;
- 7- Questionamento desses limites e conhecimento do Poliamor;
- 8- Encantamento com a proposta e a dúvida da possibilidade de realização na prática;
- 9- Enfrentamento dos desafios: encontrar parceiros, controlar o ciúme, desenvolver “compersão” etc.;
- 10- “Faixa preta” poliamorista: vivência de amores simultâneos, sem hierarquizações e necessidade de autorização dos parceiros mais antigos;
- 11- Relacionamento em grupo (“sonho” poliamorista). (PILÃO, 2012, p. 58).

Na sua tese de doutorado (em Antropologia Cultural) – “*Por que somente um amor?*”: *um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil* (2017) – Pilão avança bastante na sua compreensão e explicação de como o poliamor foi “apropriado” e ressignificado entre pessoas que optaram pela “não-monogamia” no Brasil – oscilando, de fato, entre poliamor e relações livres, como acabou mostrando sua pesquisa. Aborda os “outros” do poliamor; a recepção desse arranjo por feministas, feministas negras, LGBTs – movimento gay e lésbico; militância bissexual – explicitando as convergências e os conflitos promovidos pela interseccionalidade.

Evidencia as críticas que vem sendo feitas tanto aos praticantes quanto às teorias sobre o poliamor – de que é elitista, porque só seria possível para pessoas (sobretudo homens) brancas, dentro dos “padrões” estéticos do que é considerado bonito (magro, por exemplo), de classe média (porque é preciso ter formação intelectual e tempo livre para conhecer e praticar o poliamor), repetindo e enfatizando as várias opressões que já são sentidas na sociedade. Destaca as polêmicas que alguns textos críticos geraram entre participantes de comunidades poliamoristas, pela Internet ou em encontros presenciais¹⁴.

¹⁴ Pilão (2017) inclui como anexos alguns dos textos críticos de opinião que analisa, tais como os seguintes: o anexo 10 – *Polyamory is for Rich, Pretty People*, texto de Vivienne Chen, traduzido por Gui Bueno – é um dos

Pilão define o “termo” poliamor e explica quais são alguns dos “formatos” assumidos pelas relações poliafetivas – que podem incluir três, quatro ou mais pessoas que se envolvem entre si, ou não, como explica:

O termo poliamor, criado nos anos 1990, nos Estados Unidos, se refere à possibilidade de estabelecer múltiplas relações afetivo-sexuais de forma concomitante, consensual e igualitária. É possível classificar três modelos básicos de relação poliamorista que se dividem em “abertas” e “fechadas”. Isso é, no primeiro caso, há a possibilidade de novos amores e, no segundo, temos a “polifidelidade”, ou seja, a restrição das experiências amorosas: 1- “Em grupo”. Quando mais de duas pessoas têm relações amorosas entre si; 2- “Rede de relacionamentos interconectados”. Quando cada poliamorista tem mais de um relacionamento em casal – ou seja – os parceiros de uma pessoa não o são entre si; 3- “Mono/poli”. Quando um dos parceiros tem mais de um relacionamento e o outro, por opção, limita-se a um único parceiro (PILÃO, 2017, p. 9).

Pilão mostra como se construiu um “debate público” no Brasil em torno no “poliamor”, destacando a cobertura midiática e os debates jurídicos em torno da garantia de direitos para os adeptos de não-monogâmias. Ressalta o papel desempenhado por Regina Navarro Lins, com seu livro *A cama na varanda* (1997) e diversas entrevistas em que combate o “amor romântico” e a monogamia, sendo a pessoa responsável, de acordo com Pilão, por introduzir o termo “poliamor” no Brasil. Na edição de 2005 do livro, Lins apresenta uma definição de poliamor no seu estilo mais explicativo e simplificado (uma das críticas que recebe dos praticantes):

No poliamor uma pessoa pode amar seu parceiro fixo e amar também as pessoas com quem tem relacionamentos extraconjugais, ou até mesmo ter relacionamentos amorosos múltiplos em que há sentimento de amor recíproco entre todos os envolvidos. Os poliamoristas argumentam que não se trata de procurar obsessivamente novas relações pelo fato de ter essa possibilidade sempre em aberto, mas sim, de viver naturalmente tendo essa liberdade em mente. [...] O poliamor aceita como fato evidente que todos têm sentimentos em relação a outras pessoas que as rodeiam. Como nenhuma relação está posta em causa pela mera existência de outra, mas, sim, pela sua própria capacidade de se manter ou não, os adeptos, garantem que o ciúme não tem lugar nesse tipo de relação (LINS, 2005, p. 401)

Pilão (2017) dedica boa parte da sua tese para situar o papel que Regina Navarro Lins desempenhou como divulgadora do poliamor e crítica da monogamia e do amor romântico, destacando que a postura dela é mais próxima daquela dos poliamoristas brasileiros, pois, tal como ela defende, a liberdade (e espontaneidade) afetiva e sexual seria mais importante do que a “honestidade” (a exigência de contar “tudo” para os envolvidos) e o consenso (a necessidade de negociar as novas relações).

mais discutidos e utilizados para criticar o poliamor como algo elitista e reservado para “pessoas ricas e bonitas” (Disponível em Internet: <http://blogueirasfeministas.com/2014/02/poliamor-e-para-pessoas-ricas-e-bonitas/>); o anexo 12 – *Então toma (poliamor não me contempla)* – cujo tema é a impossibilidade de escolha de mulheres negras, gordas, trans, com deficiência, pobres (dependentes economicamente), e todas as pessoas que não tem a “opção” de decidir sequer pela “monogamia” porque são excluídas do “mercado dos relacionamentos”, ou seja, o foco é que o poliamor reproduz as “opressões estruturais”, e a interseccionalidade (classe, cor, padrões estéticos). (Disponível em Internet: <http://anaeufrazio.blogspot.com.br/2015/03/poliamor-mulher-negra-gorda-.html>).

Cita Roberto Freire – e seu livro *Ame e dê vexame* – como uma referência mais constante para os defensores das “relações livres” no Brasil, em que a liberdade é mais enfatizada:

Roberto Freire não defende uma ética amorosa rigorosa, pautada em um relacionamento negociado e regrado, mas sim em relações que garantam liberdade, espontaneidade e que são contrárias ao controle exercido entre os parceiros. O autor questiona esse modelo de relacionamento afirmando que ele transforma o amor em um negócio ou em uma associação de interesses mútuos. Para ele, o foco em atender os anseios do outro é próprio de uma “ideologia do sacrifício” e do “autoritarismo capitalista familiar”. Portanto, para ser “libertário”, o amor deve se expressar em liberdade, deixando que o próprio conduza a forma, a intensidade, a beleza e a duração de cada relacionamento (PILÃO, 2017, p. 205).

Pilão elabora uma discussão interessante em que compara as ideologias poliamorosas anglo-americanas e brasileiras, afirmando que na tensão gerada pela articulação entre dois princípios fundamentais da ideologia poliamorista – igualdade e liberdade – existe uma diferença marcante entre o “poliamor” defendido pelos praticantes e militantes dos Estados Unidos e Inglaterra, e pelos brasileiros – considerados aqui os “pesquisados”, pois Pilão admite que sua pesquisa empírica é limitada aos sujeitos que foi capaz de entrevistar, somados aos discursos disponíveis em redes sociais, blogs e demais mídias a que teve acesso:

Mostrei que enquanto o poliamor anglo-americano desenvolveu um igualitarismo maior, com foco na construção de relacionamentos éticos e negociados, no Brasil a liberdade apareceu como valor supremo, de modo que se questionou qualquer tentativa de controle dos parceiros e de restrição às manifestações individuais mais genuínas e espontâneas. Esse indivíduo autorreferido, que ama a si mesmo em primeiro lugar, considera a monogamia uma castração e, por isso, evita ao máximo se submeter a regras, negociações e identidades, vistas como comprometedoras do projeto de libertação e de afirmação de sua singularidade (PILÃO, 2017, p. 231).

Com o subtítulo “a ética protestante e o espírito poliamorista” parodiando o clássico estudo de Max Weber – *A ética protestante e o espírito do capitalismo* – Pilão (2017) busca compreender as diferenças entre os anglo-americanos e os brasileiros por meio de categorias e autores do pensamento social brasileiro, como Sérgio Buarque de Holanda, para quem “o peculiar da vida brasileira teria sido uma valorização do afetivo, do irracional e do passional, de modo que os brasileiros seriam avessos às atividades monótonas e ideais comunitários” que exigem disciplina; povos com herança “protestante” enfatizariam o “controle racional dos afetos”:

Construí a hipótese de que as diferenças encontradas revelam tradições culturais e religiosas distintas, de modo que o protestantismo teria contribuído entre os anglo-americanos para a adoção de uma postura mais focada no autocontrole, na racionalidade e na busca pela perfeição ética. No Brasil, por sua vez, a influência do catolicismo teria favorecido uma atitude mais complacente com o cumprimento de regras, renegando a busca pela perfeição ética, desprezando o trabalho, o esforço e enfatizando a espontaneidade e a singularidade. Além disso, o poliamor assume uma dimensão mais prática entre os poliamoristas anglo-americanos, de modo que a literatura poliamorosa produzida nesses países lembra manuais de conduta, sugerindo “técnicas” para o aprimoramento dos relacionamentos. Entre os brasileiros, o poliamor foi tratado menos como uma “técnica” e mais como ideal a ser perseguido a fim de superar os limites impostos pela monogamia (PILÃO, 2017, p. 231).

Destacamos que sua tese apresenta uma discussão bibliográfica muito abrangente que cobre o fundamental da literatura especializada sobre poliamor, tornando muitas ideias acessíveis aos não-iniciados na temática. Ao investigar como o poliamor se desenvolveu no Brasil, considerou a dinâmica dos grupos poliamoristas, abordou os discursos que legitimam (e os que criticam) o poliamor e discutiu detalhadamente como os poliamoristas são recebidos por seus interlocutores mais significativos, participantes de outros movimentos não-monogâmicos, feministas, LBGTS, pelo Estado (sobretudo poder judiciário) e pela mídia.

Outro trabalho acadêmico – também antropológico – que dialoga criticamente com Cardoso (2010) e Pilão (2013) e avança em muitos sentidos na complexidade envolvida na escolha do “ideal” e prática do poliamor é a dissertação de Matheus Gonçalves França – *Além de dois existem mais: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF* (2016) – que com uma postura relativista buscou apreender como jovens poliamoristas (entre 18 a 25 anos) entendiam as suas relações não-monogâmicas e o que tais relações “dizem” a respeito de processos identitários e de conjugalidade, problematizando a relação entre poliamor e monogamia.

Da leitura de seu trabalho, surgem questões a respeito do desafio social, cultural e político que a visibilidade do poliamor direciona para as instituições hegemônicas: “talvez o desafio de poliamoristas seja justamente o de mostrar para a sociedade, por vias também políticas, que eles e elas existem” e que o amor “não pode ser visto no singular, como um sentimento que deve ser praticado socialmente de um único modo e vivido apenas com uma única pessoa” (FRANÇA, 2016, p. 20) o que exige compreender como o poliamor se relaciona com a monogamia e com a heteronormatividade, pois, como escreve:

O trabalho de campo entre sujeitos poliamoristas permitiu reflexões sobre possibilidades de acionamento identitário no que diz respeito à dimensão do afeto e do amor. Da perspectiva de poliamoristas, o poliamor se apresenta como uma alternativa possível em detrimento à monogamia para a vivência de seus relacionamentos afetivo-amorosos. Todavia, percebi em campo que não só o poliamor contrasta com outras formas de oposição às relações monogâmicas, como também guarda elementos da monogamia a partir da prática e dos discursos de seus adeptos e de suas adeptas (FRANÇA, 2016, p. 19).

Os poliamoristas criticam o “amor romântico” como “a idealização de um sentimento que implica necessariamente na monogamia”, e que sugere “amar uma pessoa de cada vez” sem sentir “desejo sexual e sentimento amoroso por mais ninguém”; e a fidelidade que seria o “pilar da exclusividade no relacionamento amoroso”, e que gera “violência e opressão nas relações afetivas” ao reforçar afetos “nocivos” como “o ciúme, a possessividade, a angústia pela iminência da infidelidade” (FRANÇA, 2016, p. 25). Mas se o amor romântico – que costuma ser “o” amor sem adjetivos – é tão nocivo, porque a escolha do “amor” como base?

Percebemos que algo importante que descobriu foi que “a ênfase de poliamoristas na ideia de amor como o cerne das relações múltiplas e sua crítica ao sexo sem amor nas relações múltiplas, parece indicar claramente sua adesão à discursividade do amor romântico de longa duração” que “exigia a fidelidade entre os dois, mas nada tinha a ver com a instituição da monogamia no casamento” pois, como ressalta “entre dois, o amor romântico somente duraria enquanto perdurasse” o sentimento e foi apenas a modernidade “que introduziu a ideia de amor romântico na instituição de casamento monogâmico” (FRANÇA, 2016, p. 123).

Dentre as principais contribuições da pesquisa de França, está a perspectiva antropológica que permite “desnaturalizar aquilo que se mostra por vezes “natural”, dado às ocorrências e ao processo histórico em que as posturas e os comportamentos sociais se apresentam”, no caso, ele próprio foi capaz de repensar a “monogamia” que parecia “natural” por ser mais recorrente e “comum”, mas também percebeu que nem tudo é tão livre e artificial – tão disponível para criação e invenção – já que, como bem escreveu, “não se ama qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer tempo sem regras” ou sem “obrigações” (FRANÇA, 2016, p. 118-9).

Por fim, França faz um mapeamento minucioso dos trabalhos acadêmicos (muitos do Direito) sobre o poliamor (no Brasil) e conclui sua dissertação sem generalizar ou polarizar demais o debate: consegue ver as nuances e permeabilidades que existem entre a defesa do poliamor como a “solução” para os problemas gerados pela monogamia e a escolha do poliamor como apenas mais um arranjo que traz em si muitos elementos presentes na monogamia (e no amor romântico), e, aliás, lembra que “na Antropologia não há consenso sobre se o amor romântico é ou não uma experiência exclusivamente ocidental” (FRANÇA, 2016, p. 25)¹⁵.

A tese de doutorado (em Psicologia Social) de Sandra Elisa de Assis Freire – *Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos* (2013) – permite problematizar as noções de “amor” e “ciúmes”, pois o poliamor possibilita que o amor seja pensado de modo mais amplo do que o amor sexual ou erótico na versão romântica. O que torna o poliamor um “problema de pesquisa” relevante é o fato de que coloca em questão a exclusividade e caráter possessivo do “amor”, ao postular que é possível *amar* realmente mais de uma pessoa ao mesmo tempo, e isso exige problematizar o “ciúme”, consequência do amor possessivo e exclusivo.

Além disso, Freire apresenta de modo sintético o argumento de Christian Klesse (2011) que – no artigo *Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving* – explica que o poliamor não pode ser adequadamente teorizado como “um” discurso singular, mas seria possível discernir elementos que permitem perceber quais são as “noções” de amor poliamoristas. Freire analisa teoricamente o “amor” a partir de teorias psicológicas que definem “tipologias” de amantes e também as “fases” dos relacionamentos amorosos, destacando como as emoções associadas ao amor são sentidas. Na sua apresentação do problema ela escreve que:

A monogamia é o padrão aceito para as relações amorosas na cultura ocidental. Geralmente é considerada traidora e infiel a pessoa que, estando com um compromisso amoroso sério com alguém, mantém relações sexuais fora do relacionamento. No entanto, existem pessoas que concordam em não manter a exclusividade sexual e afetiva, e mantém relações sexuais com outra pessoa, com o pleno consentimento de seu (sua) parceiro (a). O poliamor, enquanto um tipo de relacionamento, permite que situação semelhante a essa ocorra (FREIRE, 2013, p. 27).

Freire busca contextualizar o poliamor a partir das diversas fontes que alteraram o modo como os relacionamentos passaram a se configurar¹⁶ e faz um minucioso levantamento das “definições” de poliamor na bibliografia especializada, concluindo que o que é comum

¹⁵ França aborda a controvérsia a partir de Lobato (2012) e cita estudos clássicos da Antropologia que abordam o “amor romântico” entre outros povos (outras épocas) e também sobre os “orientais” (chineses e indianos).

¹⁶ O poliamor só surge na década de 1990, mas as outras formas de não-monogâmias – amores livres anarquistas, relações livres, relações abertas, os movimentos de “liberação” sexual, *hippies*, contracultura – são apontados pelos pesquisadores como importantes na criação de novas possibilidades relacionais que permitiram a sua “invenção”.

nas definições é que “poliamor” é um termo “geralmente usado para se referir à prática de ter um relacionamento íntimo e sexual simultâneo com mais de uma pessoa, com o consentimento e conhecimento de todos os envolvidos” (FREIRE, 2013, p. 37) pois seus adeptos consideram ser possível e aceitável amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

É importante ressaltar que os poliamoristas “ênfatizam mais o amor do que a sexualidade”, ou seja, “apesar de dar a devida importância ao sexo, seu principal objetivo não é ter muitas relações sexuais, e sim compartilhar experiências e sentimentos”, com a característica distintiva de que “neste tipo de relação não existem traições, pois todos os envolvidos sabem e consentem a não exclusividade do parceiro” (FREIRE, 2013, p. 39). Embora algumas pessoas tolerem o poliamor com o objetivo de conquistar seu parceiro novamente para a monogamia, existem muitas razões que levam alguém a optar voluntariamente pelo poliamor.

A defesa de que ter múltiplos relacionamentos afetivos, íntimos e sexuais, é “valioso” do ponto de vista moral (ou ético) e a perspectiva que os poliamoristas estão desenvolvendo a respeito do “amor” confere um potencial subversivo para essa escolha. Como mostra Freire, “a filosofia adotada no poliamor considera que amar uma única pessoa pelo resto da vida é algo inconcebível” e que “os indivíduos podem amar e ser amados por mais de uma pessoa simultaneamente”, de modo que “o caráter ético do poliamor deriva de sua forte ênfase sobre o amor, a intimidade, o compromisso de consenso e a honestidade” (FREIRE, 2013, p. 43).

Em língua portuguesa e com rigor acadêmico na definição e estudo do poliamor são estes os trabalhos de maior fôlego e é a partir deles e das bibliografias apresentadas que se pode iniciar um debate mais acadêmico sobre o poliamor como subjetividade e como prática afetiva. As principais questões que surgem giram em torno da definição de “amor”, da exploração da possibilidade real de vivenciar a intensidade desse sentimento por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, construindo relações pautadas na “parresía” e buscando o consentimento de todos os envolvidos, bem como a visibilidade e aceitação pública da escolha.

A seguir, mostramos como o poliamor desafia a monogamia por meio dos elementos que compõem seu discurso sobre o amor – que questionam a exclusividade do amor sexuado individual. Trata-se de uma reflexão inicial, com o objetivo de avançar na construção de um projeto de pesquisa coletivo sobre “Amor em rede”, que será desenvolvido a médio prazo¹⁷. Depois, apresentamos uma problematização a respeito das relações entre poliamor e as noções foucaultianas – cuidado de si, parresía e estética da existência, lembrando que Michel Foucault (1926-1984) não estudou o poliamor – trata-se de uma subjetividade e arranjo afetivo recentes, que só vem se popularizando a partir da década de 1990.

¹⁷ A proposta da pesquisa é analisar, primeiro, se as pessoas que se dizem “poliamorosas” ou “poliamoristas” consideram que isso é algo “espontâneo” – elas se descobriram amando mais de uma pessoa ao mesmo tempo – ou “artificial” – elas decidiram que é mais interessante se manterem abertas às possibilidades de amarem e serem amadas por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Quer dizer, em que medida o poliamor aparece para as pessoas que praticam como algo que desafia a exclusividade do amor erótico ou sexual? Será que as pessoas que aderem ao poliamor acreditam ser realmente possível “amar” mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Depois, pretendemos analisar se o enquadramento da opção pelo poliamor pode ser realmente feito a partir das noções foucaultianas. Será correto considerar que as pessoas que optaram pelo poliamor – ou se descobriram poliamorosas – praticam em maior grau o “cuidado de si” do que as monogâmicas? Será que as relações que estabelecem são, efetivamente, pautadas pela parresía – franqueza, coragem de dizer a verdade, no âmbito erótico? Será que esta escolha foi feita visando construir a vida como uma “obra de arte” – ou, ao menos, visando uma vida mais “livre” do que a vida vivida nos padrões monogâmicos e heteronormativos?

Noções de “amor” nos discursos sobre o Poliamor

Uma versão “forte” do como se caracteriza o amor (erótico) sexual – exclusivo e possessivo – na sociedade moderna e ocidental pode ser encontrada em um dos aforismos de Friedrich Nietzsche (1844-1900). O texto faz parte de uma reflexão do filósofo sobre “*as coisas que chamamos de amor*”, enfatizando a relação entre “amor” e “cobiça” e sua característica “possessiva”, e também uma visão do “desejo” como falta, já que “pouco a pouco nos enfadamos do que é velho, do que possuímos seguramente, e voltamos a estender os braços” ávidos pelo que ainda não temos e desejamos possuir – está publicado em *A Gaia Ciência*:

Mas é o amor sexual que se revela mais claramente como ânsia de propriedade: o amante quer a posse incondicional e única da pessoa desejada, quer poder incondicional tanto sobre sua alma como sobre seu corpo, quer ser amado unicamente, habitando e dominando a outra alma como algo supremo e absolutamente desejável. Se considerarmos que isso não é outra coisa senão excluir todo o mundo de um precioso bem, de uma felicidade e fruição; se considerarmos que o amante visa o empobrecimento e privação de todos os demais competidores e quer tornar-se o dragão de seu tesouro, sendo o mais implacável e egoísta dos “conquistadores” e exploradores; se considerarmos, por fim, que para o amante todo o resto do mundo parece indiferente, pálido, sem valor, e que ele se acha disposto a fazer qualquer sacrifício, a transtornar qualquer ordem, a relegar qualquer interesse: então nos admiraremos de que esta selvagem cobiça e injustiça do amor sexual tenha sido glorificada e divinizada a tal ponto, em todas as épocas, que desse amor foi extraída a noção de amor como o oposto do egoísmo, quando é talvez a mais direta expressão do egoísmo (NIETZSCHE, 2001, p. 66).

Comumente associamos o amor sexual – erótico, apaixonado – ao desejo de posse exclusiva do “objeto” amado. Isso contrasta com a proposta do poliamor, ao afirmar que se pode amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo, o que implica que é possível também “ser amado” por mais de uma pessoa e estar livre para estabelecer relações íntimas com as várias pessoas que se amam reciprocamente. Viver as várias manifestações de amor *erótico* de modo comprometido, íntimo, público, profundo e ainda estar permanentemente aberto a novas possibilidades de amar e ser amado é que parece impossível ou impraticável.

André Comte-Sponville (2007) analisa três sentidos que o amor assumiu a partir da tradição filosófica: a paixão ou amor sexual (*eros*) muito próximo do “amor romântico”, exclusivo e possessivo; a amizade ou amor fraterno (*philia*), mais inclusivo e menos ilusório; e a caridade ou amor espiritual (*agapê*), mais altruísta. Existem elementos associados aos três sentidos no amor típico dos casais, mas, embora seja aceito que possamos ter muitos “objetos” de desejo sexual, há uma crença de que o “amor” teria apenas “um” objeto – de cada vez, como na monogamia em série; ou eternamente, para quem defende que só se “ama” uma vez.

Parte do desafio da opção pelo poliamor é a afirmação de que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo no sentido *erótico* – porque quando consideramos o amor como *philia* (amizade) ou *agapê* (caridade) não se pretende qualquer exclusividade ou ligação especial a *um* objeto em particular. O que se questiona é que alguém possa amar *eroticamente* mais de uma pessoa ao mesmo tempo e fundamentar nesse amor não apenas o desejo *sexual* por múltiplos parceiros, mas o desejo de intimidade recíproca. Será que os poliamoristas não teriam entendido o que é “o” amor e estariam iludidos com seu *desejo sexual* por várias pessoas?

Por isso é fundamental entender quais são os elementos que aparecem nos discursos sobre o “poliamor”, comparando, na medida do possível, com os outros discursos que tratam do “amor romântico”, do “amor erótico”, do “amor passional”, porque é com essas formulações

que é possível entender em que medida existe um “desafio” ao amor que fundamenta a monogamia e o “amor” que pode ser entendido como múltiplo e simultâneo. Partiremos de Klesse (2011) e Freire (2013), comparando com Comte-Sponville (2007), que permite entender sobretudo o sentido *erótico* do amor, que é o mais associado ao amor romântico¹⁸.

De acordo com Klesse (2011) existem elementos recorrentes nos discursos sobre o amor que é possível e valorizado para fundamentar a vivência de múltiplos amores. Entre os temas mais recorrentes ou elementos básicos presentes no discurso do amor “poli” – *poly love* como escreve – o primeiro é que o “amor” é o fundamento do erotismo ou da sexualidade, ou seja, não existe uma busca de múltiplos parceiros sexuais, mas de amores. Por isso a relação entre “sexo” e “amor” é tão importante para o poliamor e sua configuração é polêmica, pois é o amor sexual que costuma ser pensado como exclusivo e possessivo.

No poliamor o “amor” seria *não-exclusivo, ilimitado e superabundante*; por isso a *liberdade* é valorizada, tanto quanto o *compromisso* – ser livre para amar mais de uma pessoa não significa que as relações estabelecidas serão facilmente descartadas; e a *honestidade* seria a base – todas as pessoas envolvidas oferecem e exigem de seus parceiros; daí o reforço da *intimidade*, dado que a comunicação dos próprios desejos e comportamentos pode estreitar os laços entre os poliamantes; o poliamor envolve *dedicação e trabalho* intensos, exigidos pelo constante cuidado com o “outro”; existiria também um caráter *transcendente* nesse tipo de amor (KLESSE, 2011).

Klesse (2011) ressalta que embora o “amor” seja central na definição do poliamor, estes elementos presentes nos discursos do amor “poli” são parte de um amplo repertório de significados disponíveis para as pessoas que desenvolvem seus próprios entendimentos do “poliamor” como uma prática íntima estética ou erótica, de modo que tais elementos podem aparecer combinados de vários modos diferentes, inclusive de modos contraditórios. Talvez o que torne mais complicada a comunicação entre as concepções mais românticas do amor e o discurso do poliamor seja a relação entre amor, sexo, exclusividade, possessividade e ciúmes.

Freire (2013) realiza uma análise de como o ciúme romântico aparece nas elaborações sobre o amor e sobretudo nos trabalhos que estão tratando especificamente das relações abertas, que admitem de saída a possibilidade de cada pessoa se relacionar com várias outras simultaneamente – sem ter que mentir a respeito. É curioso que os elementos que costumam gerar ciúme são parte da relação poliamorosa, pois, parte-se do princípio de que todas as pessoas envolvidas estão permanentemente “abertas” para outros envolvimento afetivos e que isso não implicará em “perda” ou “rompimento” das relações estabelecidas. Porém:

O ciúme é um sentimento presente tanto em relacionamentos monogâmicos quanto naqueles abertos. É uma força complexa que consiste em emoções, pensamentos e ações conflitantes. Contudo, presumivelmente, aqueles que optam por viver um

¹⁸ Os estudos teóricos mais citados sobre o amor – entre os que desejam fazer uma “sociologia das emoções” – são os livros clássicos de Georg Simmel, *Filosofia do Amor* ([1993]2001) em que ele analisa casamento, prostituição, ciúme e o “papel do dinheiro nas relações entre os sexos”, mas que não incorpora as discussões sobre a liberdade e espontaneidade que ajudariam a entender o poliamor; o livro de Niklas Luhmann, *O amor como paixão: para a codificação da intimidade* (1982), tem um capítulo sobre – “liberdade para o amor: do ideal ao paradoxo” e outro que discute a diferença entre prazer e amor – mas para incorporar sua tese na discussão do poliamor seria necessária uma explicação da sua teoria sociológica, difícil de resumir em um artigo; mais interessante, o livro de Anthony Giddens, *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (1993), permite entender de que modo o “amor romântico” vem cedendo lugar ao “amor confluyente” – mais igualitário – que é bem mais próximo da proposta do poliamor, bem como a ideia de “relacionamento puro” (conforme exposta na nota 11). Consideramos que a discussão de Zygmunt Bauman, *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), não se aplica ao poliamor porque esse arranjo supõe justamente a busca por relacionamentos com compromisso, intimidade, consenso e duração (claro, a versão mais ética do poliamor, que é a que iremos explorar).

relacionamento aberto estarão predispostos a lidar de forma satisfatória com esse sentimento. Nos relacionamentos alternativos, o ciúme não é percebido como negativo ou positivo, mas sim é visto como uma emoção que precisa ser reconhecida e trabalhada. [...] Casais em relacionamentos abertos que expõem com mais frequência a si mesmos em situações que potencialmente podem desencadear manifestações de ciúmes se encontram mais vulneráveis a viver este tipo de experiência do que aqueles em relações monogâmicas (FREIRE, 2013, p. 113).

O que aparece na literatura especializada é a “tentativa” de desenvolver “compensação” – um trabalho ativo de construir a própria subjetividade de modo a possibilitar que o fato de que a pessoa amada é também amada por outras pessoas seja “sentido” como uma alegria: primeiro porque o amor não precisa ser exclusivo e nem limitado; mas também porque o estabelecimento de novas relações não implica no término das relações já construídas. É a lógica exclusiva e possessiva dos discursos hegemônicos sobre o amor que tornam essa ideia estranha e quase inconcebível para quem não partilha o “projeto” poliamoroso¹⁹.

Comte-Sponville (2007), explica que o amor apaixonado ou erótico – que pode ser chamado de amor de concupiscência porque sexual, é um tipo de “amor ciumento, ávido, possessivo, que longe de sempre se regozijar com a felicidade daquele a quem ama [...] sofre atrozmente com ela, mal essa felicidade se afasta dele ou ameaça a sua” e é por isso que o amor no sentido “erótico” é visto como ciumento e possessivo: “Quem ama quer possuir, quem ama quer guardar, e só para si. Ela é feliz com outro, e você preferiria vê-la morta! Ele é feliz com outra, e você preferiria vê-lo infeliz com você...” (COMPTE-SPONVILLE, 2007, p. 257).

Por isso é que parece que a escolha pelo poliamor pode ser melhor pensada a partir de uma articulação entre as três noções foucaultianas: cuidado de si, parresia e estética da existência. Como conseguir sair da lógica do amor possessivo e exclusivo e viver o poliamor? Parece que por meio do cuidado de si – entendido como um conjunto de técnicas que possibilitam não apenas “conhecer” o que se é, mas produzir a si mesmo – e tendo como base a parresia – entendida como franqueza, honestidade, abertura de coração – seria possível construir a própria vida como uma obra de arte, tendo como “objetivo” o poliamor.

Poliamor, cuidado de si, parresia e estética da existência

Aqui apresentamos algumas reflexões iniciais que servirão para guiar nossa pesquisa a respeito das vivências efetivas das pessoas que optam por uma versão mais “ética” do poliamor, que pretende fazer frente à versão mais “ética” da monogamia. Porque é mais correto comparar “ideal” com “ideal” e realidade com realidade: também a monogamia possui um projeto ético, que é pautado pela escolha de viver um amor de cada vez, com a promessa de fidelidade até que a “morte” ou o “divórcio” separe aqueles que escolheram livremente transformar seu amor em casamento monogâmico. Como seria a configuração “mais” ética do poliamor?

¹⁹ A tese de Jillian Dery (2003) resume no título o quanto a temática do ciúme é importante nos estudos sobre poliamor: *Polyamory or Polyagony? Jealousy in Open Relationships*. Quando se faz a opção por uma subjetividade e um arranjo afetivo que tem como princípio a possibilidade de sentir e viver múltiplos “amores” não significa que o fato de conviver com a liberdade das pessoas amadas irá eliminar a “angústia” ou a “agonia” frutos dos ciúmes – a insegurança com relação à continuidade da relação, o medo de “perder” as pessoas amadas para os outros amores que tais pessoas transformam em novas relações afetivas, íntimas, eróticas e sexuais. Mas as pessoas que optam pelo poliamor desejam superar o ciúme e desenvolver “compensação”, por isso o cuidado de si é tão fundamental.

Enquanto a maioria apenas “segue” o modelo de subjetividade e relacionamento prescrito pela sociedade – a monogamia heteronormativa – as pessoas que optam pelo poliamor decidem viver seus múltiplos amores e construir relacionamentos que podem assumir diversos formatos – em termos de número de parceiros envolvidos e também do tipo de relação que será estabelecido com cada um. Isso implica maior “cuidado de si” – tanto para “perceber” o que de fato sentem, como para que possam comunicar aos “outros” e para o “mundo” que é possível, válido e valioso amar e se deixar amar por mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Michel Foucault desenvolve a noção de “cuidado de si” sobretudo nas aulas ministradas no *Collège de France* entre 1981 e 1982, publicadas no livro *A hermenêutica do sujeito* (2014). Para compreender como essa noção se articula com as outras duas – “parresia” e “estética da existência” – e para explicar de que modo as três noções articuladas podem oferecer uma perspectiva interessante para pesquisar o “poliamor”, vamos enfatizar as passagens em que Foucault procura expor como o *cuidado de si* tem como um dos seus procedimentos privilegiados a *parresia* e como poder gerar uma *estética da existência* (uma vida “bela”).

O cuidado de si (*epiméleia heautoû*) constitui: (1) uma atitude geral para consigo, para com os outros, para com o mundo; (2) uma forma de atenção que implica que se converta o olhar do exterior para “si mesmo”, uma “certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento”; e (3) também “designa sempre algumas ações, que são exercidas de si para consigo” pelas quais “nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos”, incluindo uma série de práticas, exercícios, técnicas de meditação, memorização do passado, exame de consciência, entre outras (FOUCAULT, 2010, p. 11-2).

Foucault explica que o cuidado de si, na Grécia, esteve relacionado com a política (era necessário “ocupar-se consigo mesmo na medida em que se há que governar os outros”); com a dietética (essa era uma das formas “capitais” do cuidado de si, ou seja, práticas relacionadas com o “regime geral da existência do corpo e da alma”); com a econômica (“a atividade social, os deveres privados do pai de família, do marido, do filho, do proprietário, do senhor de escravos, etc”) e com a erótica, que nos interessa de modo mais específico, e justamente a respeito da qual há algo importante a ser notado, pois, nas palavras do autor:

Enfim, será também colocada, durante séculos, a questão do vínculo entre cuidado de si e relação amorosa: o cuidado de si, que se forma e só pode formar-se numa referência ao Outro, deve também passar pela relação amorosa? E haverá então, numa escala que atinge toda a história da civilização grega, helenística e romana, um longo trabalho que, pouco a pouco, desconectará o cuidado de si e a erótica, fazendo cair a erótica para o lado de uma prática singular, duvidosa, inquietante, talvez até condenável, na medida em que o cuidado de si vai se tornando um dos temas principais dessa mesma cultura (FOUCAULT, 2010, p. 12).

Portanto, pensar o “cuidado de si” (*epiméleia heautoû*) como um dos elementos constituintes da escolha poliamorosa é voltar a relacionar suas práticas com a “erótica”. Para tanto, cabe analisar em que medida o que é apresentado por Foucault como cuidado de si poderia nos ajudar a compreender a “escolha” e a “vivência” do poliamor. Pensamos que isso é possível – Cardoso (2010) e França (2016) apontam nessa direção – e que talvez seja a melhor abordagem tanto para compreender como alguém se “descobre” poliamorista, como para analisar os casos em que existe uma “escolha” de se “converter” ao poliamor – como em Pilão (2012, 2017).

Quando pensamos no “cuidado de si” como uma característica das pessoas que escolhem o poliamor, cabe lembrar o questionamento feito por Foucault a respeito de quem seria capaz de “cuidado de si”, ou seja, de refletir sobre “si mesmo”, de “ocupar-se consigo”, pois, no caso dos gregos, existia um privilégio econômico, político e social que tornavam o “cuidado de si” bastante elitizado, já que, para ocupar-se consigo é preciso ter capacidade, tempo e cultura (FOUCAULT, 2010, p. 70). Também no caso do poliamor existe uma crítica de que seria mais possível para homens brancos, de classe média, com formação superior, uma “elite”.

Contudo, a divulgação das práticas não-monogâmicas – pelas artes, pelos produtos midiáticos – tem popularizado tais arranjos, dentre eles o poliamor. As pesquisas antropológicas que tem como objeto o “poliamor” ou as “relações abertas” confirmam em parte o argumento de que seria um comportamento de “elite”, mas também possibilitam perceber que outras camadas sociais têm experimentado tanto as práticas associadas ao “cuidado de si” – autoconhecimento, meditação, cuidados com o corpo, a mente, entre outros – como os novos arranjos afetivos, de modo que a tendência poderá ser de ampliação desse novo modo de experimentar o “amor”.

A vivência de amores múltiplos e simultâneos implica no relacionamento com outras pessoas – não apenas aquelas com as quais está envolvido eroticamente, mas também as amigas, os familiares, e as pessoas da comunidade em geral, pois essa escolha não hegemônica irá desafiar muitas convenções: as pessoas que vivem sob a monogamia poderão ver sua própria escolha em questão. Daí a importância do cuidado de si para que seja possível constituir uma subjetividade “poliamorosa”, que terá como principal elemento a “parresía”, sobretudo no que diz respeito às constantes negociações visando consenso com os parceiros e parceiras.

O que se espera das pessoas que aderem ao poliamor parece estar muito bem “descrito” na explicação de como a parresía implica as subjetividades dos envolvidos no “jogo” parresíastico. Nas aulas ministradas no *Collège de France* entre 1983 e 1984, publicadas no livro *A coragem da verdade – o governo de si e dos outros II* (2011), aparece a definição da parresía como “a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (FOUCAULT, 2011, p. 13).

Todos os envolvidos precisam de “coragem”. Foucault afirma que existe *parresía* quando existe um “vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem a disse”, o sujeito diz uma verdade que é sua opinião, pensamento ou crença; além de um “questionamento do vínculo entre os dois interlocutores”: dizendo a verdade, o sujeito enfrenta o risco de ferir, irritar, deixar o outro com raiva e suscitar “até a mais extrema violência”, que coloca a relação em risco; e por isso a parresía implica sempre a coragem e o risco de desfazer a relação com o outro (FOUCAULT, 2011, p. 12)²⁰.

A *parresía* estabelece, portanto entre aquele que fala e o que ele diz um vínculo forte, necessário, constitutivo, mas abre sob a forma do risco, o vínculo entre aquele que fala e aquele a quem ele se endereça. Porque, afinal de contas, aquele a quem ele se endereça sempre pode não acolher o que lhe é dito. Ele pode [sentir-]se ofendido, pode rejeitar o que lhe dizem e pode, finalmente, punir ou se vingar daquele que lhe disse a verdade (FOUCAULT, 2011, p. 14).

²⁰ A estudante Kamila Fernanda Oliveira Anzen no seu trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais (aqui no campus de Toledo da Unioeste) abordou o “poliamor” a partir da noção de parresía: *Poliamor e parresía: assumir o “risco” de dizer a verdade* (2016), enfatizando como essa noção permite compreender melhor o poliamor (sobretudo seu desafio à hipocrisia praticada nas relações monogâmicas).

A pessoa poliamorosa precisa conversar com as outras pessoas envolvidas nos seus arranjos afetivos, expressando que surgiu um sentimento e que pretende transformá-lo – talvez – em uma nova relação, que, entretanto, não implica terminar a relação já estabelecida, caso exista o consentimento. O “projeto” será pautado pelo cuidado de si e pela “parresía” que é a coragem de dizer a verdade às demais pessoas envolvidas correndo todos os riscos, dentre os quais, ferir alguém que ama ou o fim de uma relação, caso não seja possível alcançar um “entendimento” ou o consentimento do parceiro ou parceira para que o novo amor seja vivido.

Foucault ressalta que a parresía “implica um vínculo forte e constituinte entre aquele que fala e o que ele diz” – no caso do poliamor, a pessoa que afirma estar amando mais de uma pessoa ao mesmo tempo e o conteúdo implicado, quer dizer, a existência real desse sentimento – e esse vínculo “abre, pelo próprio efeito da verdade, pelo efeito de ofensas da verdade, a possibilidade de uma ruptura de vínculo entre aquele que fala e aquele a quem este se dirige” – quer dizer, que no ato de dizer a verdade o poliamoroso “arrisca a si mesmo e a sua relação com o outro” (FOUCAULT, 2011, p. 14) pois existe a abertura, mas não há garantias.

Parece possível pensar o poliamor como uma estética da existência na medida em que a pessoa poliamorosa realiza uma escolha que exige um grau considerável de liberdade pessoal e também de criatividade ao constituir relações afetivas – íntimas, eróticas e sexuais – que desafiam o modelo hegemônico e não estão codificadas na moral tradicional, de modo que sua própria vida ou sua “biografia” poderia ser vista como uma obra de arte, porque envolve intenso trabalho ético – “cuidado de si” – e a mais profunda “parresía” – franqueza, coragem de dizer a verdade sobre si mesma e seus sentimentos – em relação as pessoas envolvidas.

A noção de estética da existência aparece nos estudos de Foucault sobre a Grécia antiga, em que, existia uma preocupação em se levar uma vida “bela” e a ética seguia um paradigma “estético” que não era universal nem normalizador, mas envolvia um trabalho com o “eu” e uma intensificação das relações “consigo mesmo” em termos “estéticos”, quer dizer, “a vida como uma obra de arte seria caracterizada pela criatividade e obtida através do trabalho com o eu” que envolve uma “intensificação das relações consigo mesmo” caracterizada por “autocontrole e autoconhecimento”, como explica Margaret McLaren (que mostra que as categorias foucaultianas não são tão individualistas como parecem):

Acho útil pensar na proposta de Foucault de transformar a vida em obra de arte em termos do processo efetivo de criação artística, por exemplo, um grande desenho ou pintura. Fazem-se escolhas ao longo do caminho, mas essas escolhas são referentes a uma visão particular do produto final. A visão do produto final pode mudar ao longo do caminho e exercita-se a criatividade em cada escolha de cor, linha e forma. O projeto requer trabalho diário em uma direção continuada. Um artista não vai até a mesma grande tela todas as manhãs radicalmente com uma nova visão em mente; se o fizesse, seria impossível criar arte. O chamado de Foucault para que criemos nossas vidas como obras de arte requer, da mesma forma, persistência e trabalho diário. Uma vida bela demanda trabalho ético, trabalhar a nós mesmos através de práticas de si. É essa conexão entre ética e estética que ele explora em seus últimos trabalhos (MCLAREN, 2016, p. 97).

Qual é o “produto final” visado pela pessoa poliamorosa, seu “projeto” de existência no âmbito afetivo? A proposta é viver livremente os próprios sentimentos amorosos sem se limitar ao que seria permitido pelo modelo hegemônico de namoro e casamento monogâmico heteronormativo. Se o amor acontecer por mais de uma pessoa – algo que será plenamente conhecido dado o constante “cuidado de si” via práticas de si que permitem

elaborar os próprios desejos e sentimentos – a ideia é se permitir estabelecer novas relações, mas, optando por não ferir as pessoas amadas com as quais já existe uma relação que ainda se queira manter.

Claro que no caso dessa versão ética de poliamor existem limites à liberdade – a própria ideia de que a parresía seja fundamental já implica na “obrigação” de dizer a verdade para as pessoas com as quais existe um relacionamento. Se existe uma liberdade maior do que na monogamia – porque a possibilidade de “amar” e “ser amado” por outras pessoas além dos parceiros e parceiras está colocada desde o início – o fato de que o “consentimento” é essencial coloca limites para a liberdade de amar. Mas a ausência da exclusividade afetiva e sexual possibilita que a espontaneidade comumente associada à paixão possa ocorrer.

A proposta da nossa pesquisa é analisar em que medida as pessoas que praticam o poliamor pensam a si mesmas como sujeitos que praticam o “cuidado de si”; que tem a “parresía” como diretriz principal nos relacionamentos com seus múltiplos amores; e que buscam construir uma vida “livre” e “bela”, ou seja, que estão construindo a própria vida como uma “obra de arte”, ao menos no que diz respeito à “erótica”. Será que existe por parte dos praticantes a proposta de viver livremente seus amores sem deixar de considerar os “outros” quando realizam suas escolhas, e, mais do que isso, será que existe um “projeto” estético pautando suas escolhas?

Considerações finais

Existem muitas pesquisas sociológicas e antropológicas sobre o poliamor em outros países – os resultados estão sendo publicados sobretudo em inglês, daí que a próxima etapa da pesquisa consista em explorar tal bibliografia. Mas, como foi possível mostrar, já existem bons trabalhos em língua portuguesa que permitem conhecer o tema, ter contato com os principais problemas que a opção pelo poliamor envolvem, em um mundo que é hegemonicamente monogâmico, heteronormativo e ainda patriarcal – os privilégios conferidos aos homens (heterossexuais) ainda são evidentes inclusive no âmbito das não-monogâmias (consensuais ou não).

O principal objetivo é mostrar que o poliamor pode ser um objeto de estudo interessante para as Ciências Sociais – Sociologia, Antropologia e Ciência Política – porque possui um potencial subversivo e desafiador em termos sociais, culturais e políticos. Afirmar que é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e que se isso acontecer existe a opção de assumir diante de si, do outro e da sociedade que é possível viver relacionamentos simultâneos e consentidos com base no cuidado de si, na parresía e constituir assim uma trajetória que tem como objetivo uma vida “bela” porque “livre”, é o que torna o poliamor uma possível estética da existência.

Com base nas reflexões de Michel Foucault sobre poder e resistência, podemos considerar que a monogamia foi uma “invenção” transformada em “norma” e “instituição” hegemônica – o casamento monogâmico – mas o modo como as pessoas interpretam as imposições e se constituem como “sujeitos” diante do que é “imposto” contém um elemento de “liberdade”. Ao se perceber amando (ou desejando) outra pessoa – fora de sua relação “oficial” – é possível escolher: (1) não ceder ao desejo; (2) viver a relação na clandestinidade; (3) ou assumir publicamente múltiplos relacionamentos afetivos, íntimos ou sexuais. Qual a melhor opção? Todas trazem complicações e benefícios. O poliamor é mais uma possibilidade, a menos testada até o momento, daí seu interesse como uma “invenção” ainda não consolidada.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CARDOSO, Daniel. (2010). **Amando vári@s: individualização, redes, ética e poliamor**. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2007.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado** (1884). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FRANÇA, Matheus Gonçalves. **Além de dois existem mais: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2016.
- FREIRE, Sandra Elisa de Assis. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian. Amor, Casamento e Fidelidade na Cultura Brasileira. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 3, jan./jun., 2013.
- KLESSE, Christian. (2011). Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. **Laboratorium**, Vol.3, n. 2, p. 4-25, 2011.
- LESSA, Sérgio. **Abaixo a família monogâmica!** São Paulo: Instituto Lukács, 1ª edição agosto de 2012, Disponível em Internet (02-11/2017): <http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/abaixofamilia.pdf>
- LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.
- LINS, Regina Navarro. **O livro do amor. Vol. 1. Da pré-História à Renascença**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.
- LINS, Regina Navarro. **O livro do amor. Vol. 2. Do iluminismo à Atualidade**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.
- LOBATO, Josefina Pimenta. **Amor, Desejo e Escolha**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.
- LOBATO, Josefina Pimenta. **Antropologia do Amor: do Oriente ao Ocidente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- MCLAREN, Margaret A. **Foucault Feminismo e Subjetividade**. São Paulo, Intermeios, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PILÃO, Antonio Cerdeira. **“Por que somente um amor?”: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

PILÃO, Antonio Cerdeira. **Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

ROUGEMONT, Denis. **História do Amor no Ocidente.** São Paulo: Ediouro, 2003.

STENDHAL. **Do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. 1977. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. *In:* Gilberto Velho (org.). **Arte e Sociedade: Ensaio de Sociologia da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar. p.130-169.